



## A MODERNIDADE DE GERMANO GULTZGOFF EM UBERABA <sup>1</sup>

### *MODERNITY OF GERMANO GULTZGOFF IN UBERABA*

**MARDEGAN, Ana Lúcia Bertini**

Universidade de Uberaba, UNIUBE

[imardegan@hotmail.com](mailto:imardegan@hotmail.com)

#### RESUMO

O presente artigo é baseado em trabalho de Mestrado que trata da catalogação e análise da obra do arquiteto Germano Gultzgoff, na cidade de Uberaba, Triângulo Mineiro. Gultzgoff (1922-2007) era de origem russa e se formou arquiteto em 1950 pela Escola de Engenharia do Mackenzie, tendo estagiado com o arquiteto Oswaldo Bratke. Em 1951, migrou para Uberaba onde pode ser encontrada a maior parte de sua produção arquitetônica.

Em meados da década de 1950, Uberaba vê sua produção arquitetônica modernista tomar impulso pelas mãos do recém-chegado arquiteto que acabava de abrir, na cidade, o primeiro escritório de arquitetura. Ao se deparar com um mercado carregado de estilos disseminados por engenheiros, engenheiros arquitetos e mestres de obra locais, o arquiteto vive a dualidade de propor uma arquitetura guiada pela recém-abandonada modernidade paulistana a favor de uma clientela do interior do Brasil, de base ruralista, elitizada e desconectada das vocações sociais pregadas pelo Movimento Moderno.

Sua interação com a sociedade local nos auxilia a compreender a difusão do modernismo em outras áreas, para além do campo da arquitetura, já que a abrangência da atuação de Gultzgoff extrapolou os limites profissionais ora por sua erudição, ora por pleitear cargos públicos, entre outros.

**Palavras-chave:** Difusão. Modernismo. Gultzgoff.

#### ABSTRACT

This article is based on Master's work deals with the cataloging and analysis of Germano Gultzgoff architect's work in the city of Uberaba, Minas Gerais. Gultzgoff (1922-2007) was of Russian origin and qualified as an architect in 1950 from Mackenzie Engineering School, having interned with the architect Oswaldo Bratke. In 1951, he moved to Uberaba which can be found most of his architectural production.

In the mid-1950s, Uberaba see its modernist architectural production take momentum at the hands of newcomer architect who had just opened in the city, the architecture firm. Faced with a market loaded styles disseminated by engineers, architects, engineers and teachers of local work, the architect lives duality to propose an architecture guided by the newly abandoned modernity of São Paulo in favor of a customer of the interior of Brazil, of ruralist base, elitist and disconnected from social vocations preached by the Modern Movement.

His interaction with the local society helps us to understand the diffusion of modernism in other areas beyond the field of architecture, since the scope of Gultzgoff of action went beyond professional boundaries prays for his erudition, or by pleading public office, etc.

**Keywords:** Diffusion. Modernism. Gultzgoff.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é baseado em trabalho de Mestrado que trata da catalogação e análise da obra do arquiteto Germano Gultzgoff, na cidade de Uberaba, localizada no Triângulo Mineiro. Gultzgoff (1922-2007) era de origem russa e se formou arquiteto em 1950 pela Escola de Engenharia do Mackenzie, tendo estagiado com o arquiteto Oswaldo Bratke. No ano seguinte, migrou para Uberaba, localidade onde pode ser encontrada a maior parte de sua produção arquitetônica.

---

<sup>1</sup> MARDEGAN, Ana Lúcia Bertini. A modernidade de Germano Gultzgoff em Uberaba. In: 11º SEMINÁRIO NACIONAL DO DOCOMOMO BRASIL, 2016, Recife. **Anais do 11º Seminário Nacional do Docomomo Brasil**. Recife: DOCOMOMO\_BR, 2016. p. 1-12.



Dada a importância de sua obra para o cenário uberabense, buscamos ampliar o olhar sobre a história e a crítica da arquitetura brasileira, moderna e contemporânea, para além de grandes obras e grandes nomes, possibilitando assim nos aproximarmos de realidades locais.

Podemos ainda acrescentar a importância do estudo de tal produção a fim de se colaborar com a preservação e documentação da Arquitetura Moderna Brasileira e Mineira, reforçando o valor da preservação e da leitura crítica de obras locais que contribuem para a construção de um “fazer moderno” que se distribuía pelo interior do país.

Desta forma, apresentaremos e discutiremos a trajetória modernista do arquiteto em Uberaba, já que durante o período em que exerceu sua profissão na cidade, o profissional paulatinamente se afastou dos preceitos característicos da arquitetura moderna. Para tal discussão nos utilizamos de uma ampla pesquisa bibliográfica e de diversas fontes primárias, as quais partiram prioritariamente do acervo de projetos da “Superintendência de Arquivo Público de Uberaba”. Também foram realizadas consultas a projetos, desenhos, fotografias e demais documentos originais do acervo do arquiteto Germano Gultzoff ou advindos de outros acervos, bem como visitas a vários de seus edifícios e entrevistas com membros importantes no cenário da época como, por exemplo, colaboradores, clientes, investidores e arquitetos contemporâneos.

A abordagem do tema é de caráter histórico/teórico, na medida em que se buscou não só tratar de aspectos relativos à preservação de uma arquitetura consolidada na cidade, mas também, de relacionar e compreender um período da atuação do arquiteto Germano Gultzoff, no qual identificamos características modernizantes. Esse período, será melhor delineado, posteriormente, no decorrer desse texto.

Inicialmente, buscávamos detectar se advindo de uma escola paulista de arquitetura poderíamos supor uma “insistência na valorização da arquitetura como ‘função social’” como já detectara Bastos (2007), ao comentar as críticas feitas por Max Bill à então arquitetura moderna carioca, em uma de suas vindas ao Brasil. E ainda no que se refere à sua formação, buscávamos entender se o aprendizado de arquitetura na Mackenzie inculca no arquiteto e em sua produção, um pensar e fazer com características diferentes das advindas de outras escolas, como por exemplo, a Politécnica.

Nas primeiras leituras, supúnhamos uma vertente funcionalista na formação de Gultzoff, além de uma percepção do uso constante de alguns elementos regionais, como por exemplo, a pedra tapiocanga<sup>2</sup> e algumas outras interferências claramente advindas de nossa herança colonial, que nos remetiam a um posicionamento do arquiteto que, por algum motivo, o distanciava de sua formação e que poderia colocá-lo ao lado de grandes arquitetos brasileiros que optaram por valorizar elementos de nossa cultura num “procedimento antropofágico de ‘devoração’ local de elementos da cultura européia [...] como parte do novo culto ao instinto primitivo e anticivilizado [...] como uma maneira de se contrapor ao artificialismo acadêmico burguês.” (WISNIK, 2004, p.25-26).

Buscávamos entender se essa seria uma tentativa de balancear o que Lúcio Costa, segundo Wisnik (2004, p.26), considerava como sendo a “rigorosa simplificação das formas modernas e a sobriedade tranqüila e ‘desataviada’ das construções rurais antigas do Brasil”. Ou ainda se seria apenas uma forma de se adaptar a uma clientela elitizada, de base ruralista, calcada nos “estilos” disseminados

---

<sup>2</sup> Também conhecida como canga, é uma pedra vermelho-alaranjada comum em algumas regiões de Minas Gerais, muito resistente, tradicionalmente utilizada como elemento para a construção de muros e fundações, em casas populares. Segundo o glossário do site Mineropar, é uma “brecha ferruginosa de formação superficial, constituída de fragmentos de hematita compacta, ou de placas de itabirito alterado, cimentados por goethita”. (MINEROPAR, 2013).



na Europa. Mas, naquele momento, ainda podíamos supor que Gultzgoff seria parte de um grupo de arquitetos que praticavam o que para Brandão (2005, p. 203), em “Modernidade quae sera tamen”, seria um “modernismo tardio”<sup>3</sup>.

## 2 TRAJETÓRIA

Filho de pais russos, fugitivos da revolução russa, Germano Gultzgoff nasce em 11 de agosto de 1922, na ilha de Córsega, de então domínio francês, localizada no Mar Mediterrâneo. A família fixa-se ali até por volta de 1923, quando se mudam para Lyon, na França, onde Germano vive e estuda até seus 8 anos. Tendo alguns familiares se mudado para os Estados Unidos, Victor Gultzgoff (pai de Germano Gultzgoff) resolve seguir o mesmo caminho, porém, por descuido, pega o navio errado e em 1934, desce no porto de Santos e de lá se desloca para São Paulo.

Já no Brasil, inicialmente, Germano estuda no Colégio São Bento até 1939 quando conclui o “1º ciclo do curso secundário”. A conclusão do “2º ciclo do curso secundário” se dá no Colégio Mackenzie em 20 de dezembro de 1944, segundo consta do histórico escolar de Gultzgoff. Após breve período em Ouro Preto, Gultzgoff retorna à capital paulista e ingressa no curso de arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie no ano de 1946 e conclui o mesmo curso em 1950, na turma de número XVIII (ver Figura 1).

Figura 1 - Foto turma de formandos de 1950 da Faculdade de Arquitetura do Mackenzie<sup>4</sup>



Fonte: (IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005, p.104).

Sobre o período de faculdade, sabe-se que Gultzgoff frequentou um curso de cinco anos de duração. Segundo Ficher (2005), de 1917 a 1946 a Mackenzie oferecia o curso de engenheiro-arquiteto e a formação em arquitetura que em muito se assemelhava ao estudo da École Beaux-Arts de Paris já que,

[...] a formação no Mackenzie, implantada por Christiano Stockler das Neves, balizava-se pelo curso freqüentado por seu idealizador nos EUA que, por sua vez,

<sup>3</sup> O conceito de “modernidade tardia” vem sendo usado para abordar a produção artística e cultural brasileira a partir da década de 40 e incorpora as manifestações periféricas do modernismo, ou seja, fora do eixo Rio - São Paulo. (2005, p. 203).

<sup>4</sup> “em pé, da esquerda para direita: Pedro Lambert, Erwin Roschel, Majer Botkowski, Ernani de Avelar Pires, Ghessane Klink e Milton Nogueira de Sá. Na segunda fila, Vicente Ignatti, Rodolpho Ortemblad Filho, Jorge Richter, Marino Barros, Roberto Aflalo e Carlos Lemos. Na 3ª, abaixados, Cássio Gonçalves, Diogo Faria Cardoso, José Carlos Maya, Arnaldo Farquim Paoliello e Germano Glustzgoff” (IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005, p. 104). Verificamos que o nome de Gultzgoff foi erroneamente escrito pela autora.



era fortemente influenciado pela École Beaux-Arts de Paris. Assim, o Mackenzie mantinha algumas semelhanças com o estudo de arquitetura no Rio de Janeiro, contrastando com o ensino da Politécnica, onde imperava a visão técnica. (GUERRA, 2002)

Em entrevista, Rodolpho Ortemblad Filho, colega de turma de Gultzgoff, nos dá vários indícios das influências sofridas pelos alunos daquele curso e ainda de como Christiano Stocker das Neves entendia a arquitetura daquele momento histórico. Christiano, além de diretor da faculdade era também

[...] titular da cadeira de projeto, mas era de tal forma intransigente, que chegou ao ponto em que não conseguia mais dar aula [...] Christiano tinha uma inclinação clássica até que nós sem fazer greve, exigimos mudanças no curso. Então dissemos: 'O senhor precisa nos dar a liberdade de escolher alguém que nos oriente'. Depois de muito tempo, Christiano contratou Fernando Martins Gomes [...]. Fernando dava os temas de forma mais livre. E também conseguimos que ele escolhesse propostas de caráter mais social – como pequenos hospitais e clínicas -, para não ficarmos só projetando palácios. Fizemos, por exemplo, um ginásio estudantil tomando como base Richard Neutra, com alas independentes e ventilação cruzada. (SERAPIÃO, 2008)

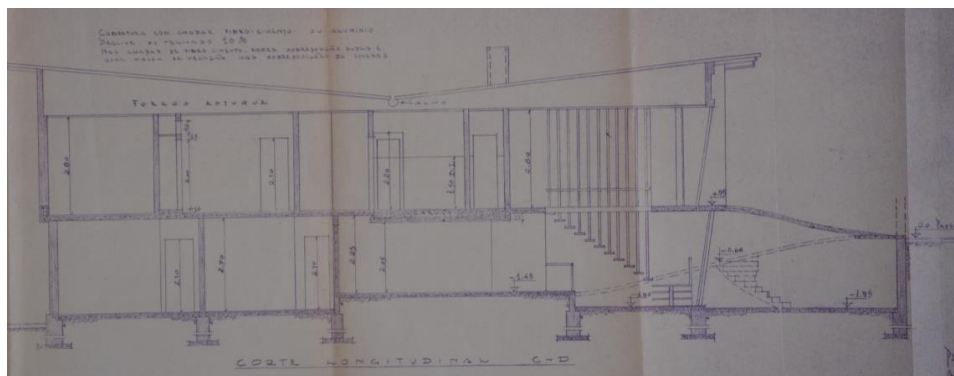
Oswaldo A. Bratke, um importante arquiteto do início da arquitetura moderna brasileira que também estudou na Escola de Engenharia do Mackenzie, anos antes de Gultzgoff, iniciou seu curso de engenheiro-arquiteto em 1926 e, segundo Segawa (2012, p.16), o arquiteto também não era simpatizante dos métodos ortodoxos de Christiano Stocker das Neves, afirmando que os alunos, naquele momento, produziam “contra’ o professor” (SEGAWA, 2012, p.16).

Sabe-se que Germano Gultzgoff e outros colegas de turma, tais como Arnaldo Furquim Paoliello e Rodolpho Ortemblad Filho, durante seu período como estudante de Arquitetura, estagiaram com o arquiteto Oswaldo Bratke. Sobre o período Ortemblad salienta:

[...] estávamos no terceiro ano e Christiano parou de dar aulas, deixando a cadeira de projeto com Fernando. Nessa época começávamos a estagiar e existiam poucos escritórios de arquitetura em São Paulo, como os de Rino Levi e Eduardo Kneese de Mello. Mas o melhor para aprender a desenhar era o de Oswaldo Bratke.”. (SERAPIÃO, 2008)

Após a conclusão do curso de arquitetura, não se sabe o que Gultzgoff fez, em São Paulo, no curto período até o momento em que migra para Uberaba, cidade localizada no Triângulo Mineiro onde permanece até seu falecimento em 31 de maio de 2007. Inicialmente, a ida à Uberaba, se dá para “concluir e decorar a residência de Mário Moraes de Castro”, pai de um antigo amigo. A residência hoje se apresenta descaracterizada e seu projeto não se encontra nos arquivos da prefeitura. Nesse mesmo período também encontramos outros projetos de Gultzgoff na cidade que já, de alguma forma, se apropriavam de elementos da estética moderna como, por exemplo, a cobertura em laje impermeabilizada do tipo asa de borboleta (ver Figura 2).

Figura 2 - Corte longitudinal, residência de Thomaz Bawden, Rua Cunha Campos, Uberaba, 1952



Fonte: acervo da autora, set. 2013.

Com a mudança definitiva para Uberaba, após casar-se em 1954, Germano passa a assumir um importante papel na disseminação da arquitetura moderna na cidade. Várias pessoas, inclusive, o consideram como o responsável pela mudança radical da arquitetura de Uberaba, apesar do edifício marco do modernismo na cidade não ter sido projetado por Gultzgoff. O edifício sede dos Correios teve sua pedra fundamental lançada em 1944, mas somente foi inaugurado em 1955. É nesse momento, meados da década de 1950, que a produção moderna da cidade começa a tomar impulso, em grande parte pela inserção do arquiteto no mercado local.

Nessa década, Germano Gultzgoff abre, em Uberaba, o primeiro escritório de arquitetura da cidade e se depara com um mercado carregado de estilos disseminados por engenheiros, engenheiros arquitetos e mestres de obra que ali trabalhavam, situação que possivelmente se assemelhava a de outros profissionais, daquele momento, que migravam para o interior do país. Nesse período,

o conjunto arquitetônico do Triângulo constituía-se de exemplares neocoloniais, neoclássicos, ecléticos e uma produção arte-decô muito rica, que ainda demanda de mais levantamentos e pesquisas. São edifícios concentrados nos centros das cidades e fazendas locais. O decô, manifestava-se - em alguns casos, a partir da imprensa local - como uma "tendência modernista" que chegava gradativamente aos edifícios das cidades, "modernismo" visto na geometrização das fachadas, ou pela liberação do edifício no terreno, ou em relação à rua. (MIRANDA, 2013, p.8)

Talvez, naquele momento, já fosse possível identificar, na cidade, profissionais com ideais modernizadores, mas sem podermos verificar a fundo tal fato, acreditamos que Gultzgoff tenha sido pioneiro ao reelaborar a arquitetura vigente principalmente no que se refere a edifícios privados.

Ainda na década de 50, Gultzgoff elaborou vários projetos que iam desde a escala doméstica passando por projetos hospitalares (ver Figura 3) e de indústrias, mas aqui teceremos mais comentários de seus projetos residenciais já esses aconteceram em maior número. De acordo com as várias informações coletadas, percebemos que a inserção de Gultzgoff no mercado profissional local se dá, em grande medida, através de uma boa rede de relacionamentos que ele próprio começara a tecer.

Figura 3 - À esquerda foto da construção do Hospital Hélio Angotti e à direita foto do hospital já construído, inaugurado em 04 de maio de 1958



Fonte: <http://www.helioangotti.com.br/historia.asp>, acessado em 04/08/2014.

Obviamente não somente os bons relacionamentos foram importantes na afirmação da carreira de Germano Gultzgoff, mas também o fato de não haver profissionais locais com a mesma formação e ainda talvez pelo *status* que envolvia a contratação de um arquiteto vindo de outras terras.

Gultzgoff, em seu escritório, trabalhava tanto como autônomo quanto como arquiteto projetista de construtoras conhecidas, como é o caso das construtoras dos irmãos Salomão (uma em Uberaba e outra em Brasília). Dessa forma, percebemos que havia uma semelhança, guardadas as devidas proporções, com o que Ficher (2005) menciona sobre o mercado profissional de São Paulo. No ramo da construção civil em São Paulo, já desde a década de 40

as firmas maiores contavam com vários profissionais cujo trabalho tendia a ser organizado segundo alguma divisão interna de tarefas, de modo que uns se encarregavam dos projetos arquitetônicos e/ou técnicos e outros das obras. Não existiam firmas que se dedicavam apenas a feitura de projetos, já que seu custo estava incluído no preço total da obra. Mas havia também projetistas *free-lance* no mercado, em geral contratados por firmas maiores para fazer desenhos ou projetos específicos [...]. (FICHER, 2005. p.240)

Para além das questões profissionais, Gultzgoff era visto como uma pessoa muito culta e insatisfeita com a sociedade da época, tanto no que se refere a questões culturais e por consequência de “gosto” e, principalmente, quanto a relacionadas à arquitetura. Chegou, inclusive, a pleitear o cargo de Prefeito da cidade, mas não foi eleito. Com exceção de seus amigos, o seu relacionamento com os clientes e seus pares, principalmente com decoradores da época, nunca foi tida como muito boa. Por várias vezes se negava a fazer determinados projetos por discordar de alguma exigência e, segundo relatos, não aceitava com facilidade, alterações sugeridas por seus clientes. Apesar disso, Gultzgoff ainda teve um considerável número de projetos, já que por cerca de cinco anos suas obras predominavam no cenário local.

Ao analisarmos a produção arquitetônica do arquiteto, durante seu período de atuação, apenas em Uberaba, temos que dos 209 projetos coletados entre as décadas de 1950 e 1990, de autoria de Germano Gultzgoff, catalogados em pesquisa recente por essa pesquisadora, 22 projetos são da década de 50; 41 projetos são da década de 60; 83, da década de 70; 51, da década de 80 e 12, da década de 90, década em que o arquiteto paralisa suas atividades profissionais.

Para além dos dados quantitativos, também nos orientamos por três critérios, estabelecidos por Montaner (2014) para prosseguir em nossa análise e tentativa, mínima, de classificação, por etapas, da produção do arquiteto. São eles: critério cronológico ou diacrônico, critério espacial, por países e contextos e critério de posicionamento interpretativo. O entendimento desses critérios, somados ao



entendimento do que viria a ser a boa arquitetura nos tempos de Gultzgoff, fazem com que seja construída uma caracterização da produção do arquiteto.

Ainda assim, entendemos que, resumidamente, a “boa arquitetura” passou, ao longo do tempo, pela adequação às condições estabelecidas pelas tríades de Alberti e Vitruvius (firmitas, utilitas e venustas) e chega aos tão decantados pontos da arquitetura moderna. Para nosso tempo, Mahfuz (2004) propõe

uma redefinição dos aspectos essenciais da arquitetura por meio de um quaterno composto por três condições internas ao problema projetual (programa, lugar e construção) e uma condição externa, o repertório de estruturas formais que fornece os meios de sintetizar na forma as outras três. (MAHFUZ, 2004)

Utilizando-se do quaterno discutido por Mahfuz em seu texto, o arquiteto contemporâneo, ao elaborar seu projeto, chegaria ao que chamou de “forma pertinente”. (MAHFUZ, 2004). Buscando o quaterno em Gultzgoff, procuramos nos cercar de mais informações importantes relativas também ao seu processo de trabalho.

Em Gultzgoff percebemos, como essência de seu fazer arquitetônico, a resolução do programa de necessidades mediante a elaboração, primeiramente, da planta. A forma arquitetônica deriva, em grande parte, da resolução dos problemas reais, estabelecidos pelo programa do edifício a ser construído. Ao mencionarmos o termo “programa de necessidades” o entendemos aqui como:

Mais do que uma fria lista de espaços e áreas mínimas, um programa arquitetônico deve ser visto como uma relação de ações humanas. Estas sugerem situações elementares que podem ser a base da estruturação formal. (MAHFUZ, 2004)

Assim sendo, percebemos que Gultzgoff não somente tinha uma clara compreensão dos modos de vida e da sociedade, na qual se inseria e para a qual trabalhou no período, mas também estabelecia uma boa conexão desses elementos, com o terreno e a estrutura do edifício, o que possivelmente dotaria seus edifícios de uma “forma pertinente” já que ela derivaria de uma resposta real aos problemas reais de cada projeto.

Nos relatos colhidos, em entrevistas, há unanimidade em afirmar que Gultzgoff só partia para a definição formal após uma definição clara da planta do edifício seguida de uma compreensão das relações entre elementos estruturais estabelecidas por aquela planta. Para Gultzgoff não eram necessárias maquetes. O arquiteto afirmava que, em desenhos de planta já visualizava as resultantes estruturais do edifício. Os mesmos entrevistados, por várias vezes, relatam a clareza estrutural que Gultzgoff tinha ao projetar seus edifícios, provavelmente derivada de sua formação junto ao curso de engenharia. Talvez inicialmente Gultzgoff elaborasse e amadurecesse o projeto no plano das ideias, chegando a formas já bem definidas antes mesmo de elaborar qualquer desenho, mas por hora, não podemos afirmar tal fato.

Ao perceber a valorização da planta como elemento definidor do projeto, não estamos associando a arquitetura de Gultzgoff como enraizada em defensores mais ortodoxos da arquitetura moderna que pregam que a forma segue a função. Se por um lado a função de cada elemento arquitetônico está atendida no desenho das plantas, por outro, a derivação formal dessa planta nem sempre contemplou esquemas modernos de composição de volumes e fachadas.

Se na arquitetura tradicional todos os subsistemas convergem e se confundem com a estrutura formal, na arquitetura moderna a sua independência permite o



abandono da imitação como procedimento fundamental, possibilitando o uso de esquemas ordenadores de qualquer origem, até da própria história da arquitetura. (MAHFUZ, 2004)

No início de sua carreira entendemos um reflexo direto de sua formação, de certa forma moderna, não só nas plantas dos edifícios, como também no edifício como um todo, quase que como mimese de uma arquitetura moderna já sacralizada. Porém, certas relações volumétricas e espaciais, derivadas dessas plantas, foram sendo alteradas ao longo de sua carreira, fazendo com que, sob vários aspectos, identifiquemos uma transgressão a aspectos puramente funcionais e até estilísticos.

A consistência formal tem como consequência a correção estilística, noção raramente associada à arquitetura moderna, supostamente a-estilística. O estilo de uma obra ou de um arquiteto se define como a frequência de certos elementos visuais que derivam de um modo específico de abordar os problemas da arquitetura. Se tais convenções são de natureza formal<sup>5</sup>, o estilo tem uma dimensão construtiva, criativa; se, ao contrário, essas características visuais são de natureza figurativa, o estilo responderá a uma atitude mimética. No primeiro caso, o caráter do objeto deriva da sua estrutura formal e da sua constituição material; no segundo, é algo apostado, desvinculado da sua organização e materialidade, logo inautêntico. (MAHFUZ, 2004)

Cogita-se aqui, que a produção de Gultzgoff, não só poderia ter passado pela “correção estilística” sugerida por Mahfuz, mas uma mudança de linguagem poderia também estar relacionada ao seu contexto de trabalho. Inserido tão profundamente nas relações cotidianas da profissão e seus embates junto a uma clientela ligada ao que Germano certa vez chamou de “falsas tradições”, seguir na profissão somente seria possível mudando parcialmente o rumo de suas convicções.

Atender a essa clientela, num primeiro momento, criaria amarras a um jovem arquiteto que com o tempo aprenderia com elas. Assim, baseado em questões levantadas por Herman Hertzberger (1999), determinadas restrições se transformariam, ao longo dos anos trabalhando na cidade de Uberaba, em novas possibilidades. Como num jogo de cartas, Gultzgoff conhecia as regras muito bem e desenvolveu, dentro dessas regras, sua liberdade de jogo. A regra era fixa e coletiva, mas a combinação das cartas era livre e individual.

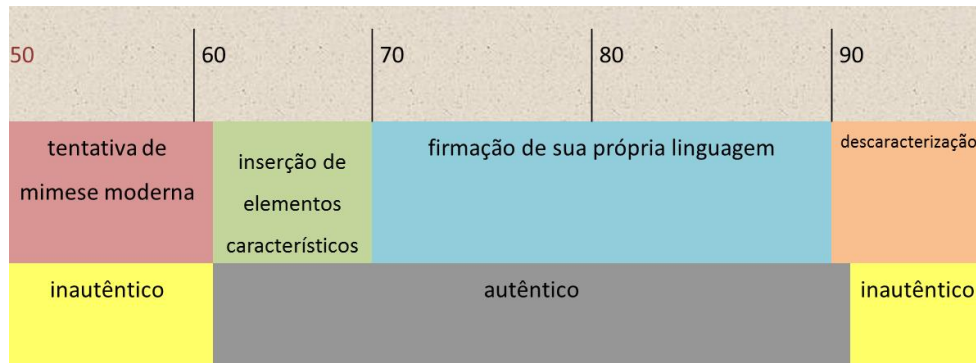
A arquitetura moderna que inicialmente acreditamos ser a definidora da caracterização da produção do arquiteto mostrou-se secundária frente ao espírito criativo do arquiteto que a lapidou no que se transformaria em sua marca registrada, a autêntica arquitetura de Germano Gultzgoff. Aquela arquitetura moderna, ao que tudo indica, era apenas mimese, como já dissemos, de seus mestres e de seu aprendizado, mas o que veio depois foi fruto de uma decantação de tudo que já havia absorvido até o momento. Sintetizando nossos estudos dos projetos de Gultzgoff elaboramos o esquema da Figura 4 a seguir:

Figura 4 – Quadro síntese da produção do arquiteto

---

<sup>5</sup> No original, o autor insere a seguinte nota: “Ou seja, formam parte de um sistema de relações complexas, como tem sido enfatizado ao longo deste texto.”.





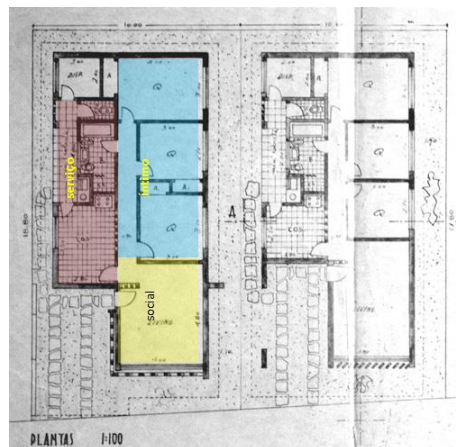
Fonte: esquema elaborado pela autora.

Em seus edifícios desse período, prevalecem planos ortogonais que organizam as funções de cada ambiente e ajudam na definição das plantas. Nas habitações, tais planos extrapolam os limites do interior, como se o arquiteto cruzasse seus traços ao fim de cada linha. Havia nelas uma separação nítida entre os espaços sociais e íntimos (ver Figura 5). Normalmente as áreas sociais aparecem localizadas na parte frontal da casa e as áreas íntimas relegadas ao fundo, não muito se diferindo de uma organização recorrente em casas brasileiras do século passado. O espaço social aparecia tanto como uma única sala ou living, como Germano usualmente denominava, ou até como uma sequência de salas (estar e jantar) dentro de um mesmo ambiente anunciando as mudanças na habitação sugeridas pelo modernismo. O Prof. Marcelo Tramontano já apontou que seria

[...] preciso esperar pelos primeiros projetos de inspiração moderna, nas décadas de 1930 e 1940, para que as atividades de comer, estar e receber se desenvolvessem no mesmo espaço – ou em espaços contíguos e abertos – ainda que permanecessem separadas das atividades de cozinhar. (TRAMONTANO, 1995, p.05)

O acesso à área íntima se dava, quase sempre, através de uma circulação que dividia a casa longitudinalmente, em duas faixas. De um lado encontravam-se os dormitórios e de outro lado, a parte destinada aos serviços.

Figura 5 - Planta projeto residencial da década de 50, delimitação das áreas da habitação



Fonte: acervo da autora, out./2013.

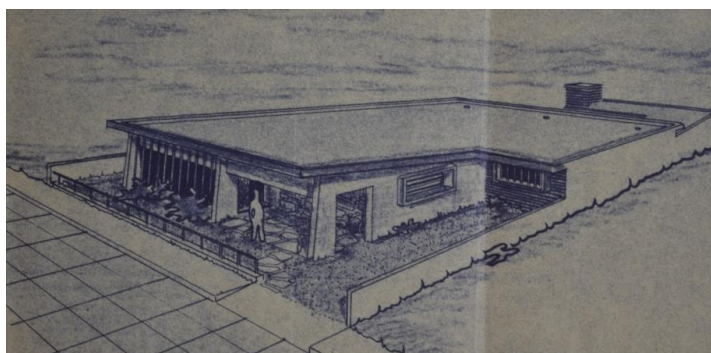
Para além das relações em planta, principalmente melhor identificáveis em edifícios residenciais, poderíamos também listar uma série de elementos que por vezes nos auxiliaram na identificação dos



projetos do arquiteto, tais como uso de alguns elementos vazados e certos modelos de cobertura (ver Figura 6, 7 e 8), mas novamente incorremos no risco de superficializar a produção do arquiteto e as análises aqui pretendidas. Mesmo assim é importante salientar que Gultzoff, por várias vezes, desenhava materiais ainda inexistentes no mercado de Uberaba e que foram produzidos por empresas locais, chegando a ser vendidos para outros estados. Também era comum encontrar pinturas, de sua autoria, em residências e outros projetos, mostrando suas outras facetas.

Obviamente, as análises que aqui se desenvolveram, se restringem ao âmbito da habitação unifamiliar térrea, mas outros esquemas podem ser encontrados em recente trabalho de mestrado que tratam da produção de Germano Gultzoff em sua totalidade. Dessa forma, dada a grande abrangência da produção do arquiteto torna-se difícil relacionar todos os aspectos da obra do período.

Figura 6 - Perspectiva de residência, 1956. Presença da laje plana impermeabilizada.



Fonte: acervo da autora, out./2013.

Figura 7 e 8 – fotos Edifício Pedro Salomão, 1967, Uberaba



fonte: autora, mar./2012



## 5 CONCLUSÕES

Como dissemos no início de nosso texto, a arquitetura de Gultzoff percorreu caminhos que estropolam os limites do modernismo e da própria arquitetura e que aqui identificamos como um momento em que o profissional reorienta sua produção, já no início da década de 60. Também é nesse momento que o arquiteto opta por uma interpretação própria e livre das questões que envolvem a arquitetura, chegando a adotar elementos diversos de caráter regional. Infelizmente, não temos como saber ao certo os motivos pelos quais Gultzoff optou por essa reorientação de sua carreira, muito pelo fato de seu falecimento, mas também porque talvez isso não fosse claro nem para o próprio arquiteto.

Se sua formação e seus companheiros de turma poderiam indicar que sua arquitetura seguiria fiel ao movimento moderno “acadêmico”, Germano nos mostrou que as especificidades locais e a predileção por outras vertentes da arquitetura poderiam alterar o curso dos acontecimentos.

Apesar de delinear o período de formação do arquiteto e percebermos aproximações, tanto no que se refere às características impressas por sua escola, tanto no que se refere à algumas influências de Bratke, ainda assim percebemos que tais influências se deram de forma superficial, já que não percebemos em Gultzoff uma assimilação e ou aplicação das bases teóricas que produziam tais arquiteturas naquele momento.

Ciente de que várias são as possibilidades de análise da obra do arquiteto e que ainda outras tantas podem surgir sobre o mesmo tema, salientamos o fato de se tratar, aqui de um recorte, que nem de longe abarca toda a produção do arquiteto.

## 6 REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Pós Brasília:** rumos da arquitetura brasileira: discurso prática e pensamento. São Paulo: Perspectiva, 2007. 277p.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. Modernidade que será tamen. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo.** Editora PUC Minas: Belo Horizonte, v.12, n.13, p. 201-215, dez.2005.

FICHER, Sylvia. **Os arquitetos da Poli:** ensino e profissão em São Paulo. São Paulo: Fapesp: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. 400p.

GUERRA, Abílio. **A moderna morada paulista.** Resenhas online, Vitruvius, 001.16, ano 01, jan.2002. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/01.001/3263>>. Acessado em: 18 ago. 2012.

HERTZBERGER, HERMAN. **Lições de arquitetura.** 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 272p.

IRIGOYEN DE TOUCEDA, Adriana Marta. **Da Califórnia a São Paulo:** referências norte americanas na casa moderna paulista 1945 – 1960. 2005. 383p. Tese (Doutorado – área de concentração: Estruturas Ambientais Urbanas). FAU, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.



MAHFUZ, Edson da Cunha. **Reflexões sobre a construção da forma pertinente**. ArquiteXtos, Vitruvius, 045.02, ano 04, fev. 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteXtos/04.045/606>>. Acessado em: 02 ago. 2014.

MINEROPAR, Serviço Geológico do Paraná. **Glossário de termos geológicos**. Curitiba. Disponível em: <<http://www.mineropar.pr.gov.br/modules/glossario/conteudo.php?conteudo=C>> . Acessado em: 08 julh. 2013.

MIRANDA, Ana Paula Tavares. **Arquitetura brutalista e estratégia de transportes no Triângulo Mineiro: estações ferroviárias da Mogiana e terminal rodoviário Presidente Castelo Branco**. In: 10º Seminário Docomomo Brasil, 2013, Curitiba. Disponível em: [http://www.docomomo.org.br/seminario%2010%20pdfs/OBR\\_23.pdf](http://www.docomomo.org.br/seminario%2010%20pdfs/OBR_23.pdf). Acessado em 20 set. 2013.

MONTANER, Josep Maria. **Arquitetura e crítica na América Latina**. São Paulo: Romano Guerra, 2014. 212p.

SEGAWA, Hugo. **Oswaldo Arthur Bratke: A arte de bem projetar e construir**. São Paulo: PW Editores, 2012. 2ª ed. 408 p.

SERAPIÃO, Fernando. Rodolpho Ortemblad Filho: graduado na primeira turma de arquitetos do Mackenzie, pertence à geração pioneira de arquitetos modernos. **PROJETODESIGN**, São Paulo, edição 344, out. 2008. Disponível em: <[http://www.arcoweb.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id3661:r...](http://www.arcoweb.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id3661:r...)>. Acessado em: 21/04/2013.

TRAMONTANO, Marcelo. **Habitação Contemporânea: Riscos preliminares**. São Carlos: EESC-USP, 1995.

WISNIK, Guilherme. **Modernidade Congênita**. In: ANDREOLI, Elisabetta; FORTY, Adrian. *Arquitetura Moderna Brasileira*. 1ª ed. New York: Phaidon, 2004. Cap.1.p.20-55. 240p.